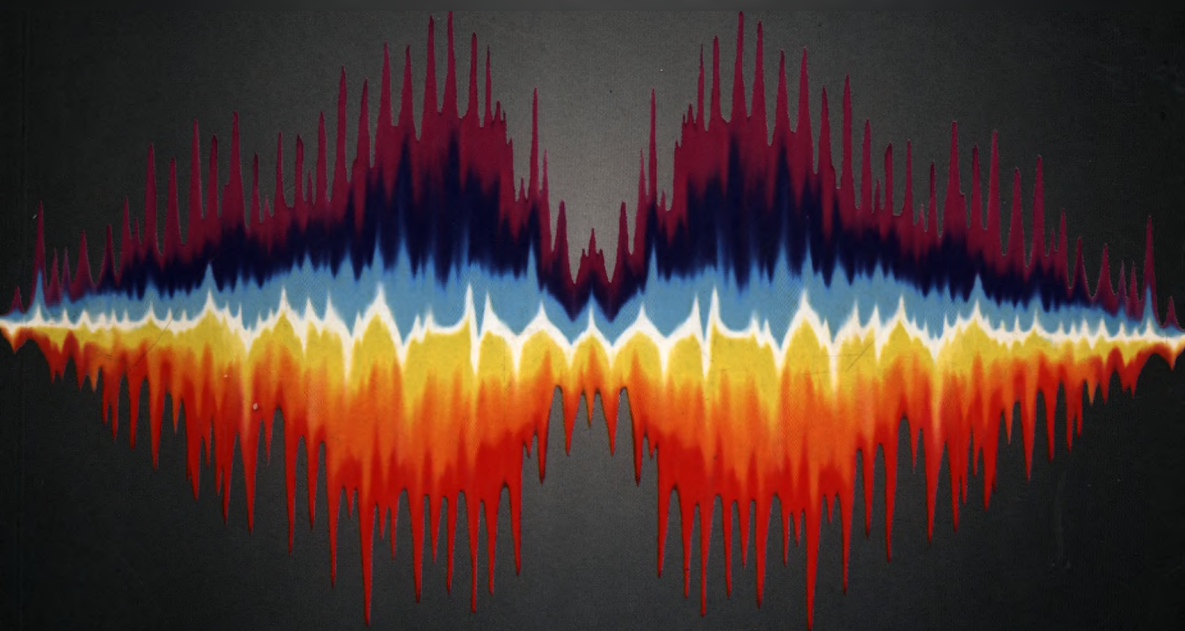


NAS INSTÂNCIAS DO DISCURSO:

uma permeabilidade de fronteiras



Denize Elena Garcia da Silva
(Organizadora)

EDITORA

UnB


OFICINA EDITORIAL
Instituto de Letras - UnB

A obra representa uma aproximação profícua de pesquisadores de diversas instituições, cujos artigos, em lugar de refletir diferentes paradigmas do pensamento lingüístico, revelam o esforço de cada um dentro de suas áreas específicas na busca de caminhos que favoreçam o ensino do vernáculo e garantam a compreensão do uso da língua como prática social.

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE),
Denize Elena Garcia da Silva (UnB),
Jacob L. Mey (Odense University -
Dinamarca), Maria Carmen Aires
Gomes (UFV), Izabella dos Santos
Martins Mendes (UFMG), Janaina
Minelli de Oliveira (UFMG), Dina
Maria Martins Ferreira (UPM-SP),
Heloísa Marques Miguel (UFG), Ivone
Tavares de Lucena (UFPB), Carmem
Cecília Camatari Galvão (FJMJ), Lillian
Márcia Simões Zamboni (Unicamp/SP),
Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS),
Eline Alcântara dos Santos (Uneb),
Maria Francisca de Oliveira Santos
(UFAL) e Cibele Brandão (UnB)

NAS INSTÂNCIAS
DO DISCURSO:
uma permeabilidade de fronteiras



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Reitor
Lauro Morhy

Vice-Reitor
Timothy Martin Mulholland



Diretor
Alexandre Lima

Conselho Editorial
Presidente
Henryk Siewierski

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,
Dione Oliveira Moura, Jader Soares Marinho Filho,
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



OFICINA EDITORIAL
Instituto de Letras - UnB

Conselho Editorial
Aryon Dall'Igna Rodrigues, Germana Henriques P. de Sousa,
Heloisa Maria Moreira de Lima A. Salles, Henryk Siewierski,
Rogério da Silva Lima, Vilma Reche Correa



Denize Elena Garcia da Silva
Organizadora

NAS INSTÂNCIAS
DO DISCURSO:
uma permeabilidade de fronteiras



Equipe Editorial

Rita de Cássia da Silva Pedroso de Albuquerque – *Preparação de originais e editoração eletrônica*

Regina Maria Furquim Freire da Silva e Carmem
Cecília Catamari Galvão – *Revisão*

Roberta Elena da Silva Bocchino – *Capa*

Copyright © 2005 by Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora)

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília
SCS, Q. 02, Bloco C, Nº 78, Ed. OK – 2º andar
70300-500 – Brasília-DF
Tel: (61) 3035-4200 – Fax: (61) 3225-5611
www.livrariauniversidade.unb.br – editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
Central da Universidade de Brasília

N241 Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras / Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora). – Brasília : Editora Universidade de Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2005.
204 p.

ISBN 85-230-0836-5

1. Análise de discurso crítica. 2. Lingüística textual.
3. Sociolingüística internacional. I. Silva, Denize Elena Garcia da.

CDU 801

*Ao meu Roberto e a cada Paulo
da minha vida*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	11
APRESENTAÇÃO	13
PARTE I – DISCURSO E GRAMÁTICA	19
DISCURSO, COGNIÇÃO E GRAMÁTICA NOS PROCESSOS DE TEXTUALIZAÇÃO <i>Luiz Antônio Marcuschi</i>	21
DISCURSO E GRAMÁTICA: MOTIVAÇÕES COGNITIVAS E INTERACIONAIS <i>Denize Elena Garcia da Silva</i>	37
DISCURSO, GRAMÁTICA E PRAGMÁTICA <i>Jacob L. Mey</i>	49

PARTE II – DISCURSO E MÍDIA.....63

**A VOZ E O *ETHOS* MÉDICO-CIENTÍFICO NO TEXTO DE
INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIO**

Maria Carmen Aires Gomes 65

**UM CASO DE POLÍCIA: AS REPORTAGENS POLICIAIS EM
DOIS JORNAIS IMPRESSOS BRASILEIROS, ABORDADAS À
LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Izabella dos Santos Martins Mendes 77

**AÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO INFORMAÇÃO CIENTÍFICA
TRANSMITIDA POR MEIO DO JORNAL TELEVISIVO
BRASILEIRO**

Janaina Minelli de Oliveira 87

**PARTE III – DISCURSO, GÊNERO SOCIAL E
IDENTIDADE.....99**

**CONSTRUTO IDENTITÁRIO FEMININO NA BUSCA DO
METAINSTÁVEL: *ENEIDA* DE VERGÍLIO E MÍDIA DA
ATUALIDADE**

Dina Maria Martins Ferreira 101

A CATEGORIA DO TEMPO EM “O CHAMADO DAS PEDRAS”

Heloisa Marques Miguel 111

**A INSCRIÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DA MÚSICA
NORDESTINA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE?**

Ivone Tavares de Lucena 125

PARTE IV – GÊNERO, IDENTIDADE E ARTICULAÇÃO DAS DIFERENÇAS.....	135
GÊNERO DISCURSIVO ANAMNESE: PRIMEIROS DESVELAMENTOS	
<i>Carmem Cecília Camatari Galvão</i>	<i>137</i>
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CIÊNCIA OU JORNALISMO?	
<i>Lilian Márcia Simões Zamboni</i>	<i>145</i>
SEMIÓTICA GREIMASIANA E ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL	
<i>Gláucia Muniz Proença Lara</i>	<i>155</i>
PARTE V – DISCURSO ACADÊMICO, INTERAÇÃO E COMPORTAMENTO NÃO-VERBAL	167
SUJEITO-PROFESSOR: MULTIPLICIDADE DE POSIÇÕES	
<i>Eline Alcântara dos Santos</i>	<i>169</i>
OS ASPECTOS NÃO-VERBAIS E VERBAIS NA INTERAÇÃO DO DISCURSO DE SALA DE AULA: RESULTADOS PRELIMINARES	
<i>Maria Francisca de Oliveira Santos</i>	<i>179</i>
ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS NÃO-VERBAIS NO PROCESSO DE VARIAÇÃO ESTILÍSTICA	
<i>Cibele Brandão</i>	<i>191</i>
COLABORADORES.....	201

AGRADECIMENTOS

Aos colegas que atenderam à chamada de trabalho para o VI ENIL, brindando-nos não só com a presença, mas sobretudo com a pontualidade na entrega dos artigos, vão os primeiros agradecimentos, pois da resposta concretizada no texto de cada um surgiu este livro.

Além dos colaboradores que assinam os capítulos, três pessoas especiais apoiaram-me durante a fase de organização e montagem: Rita de Cássia encarregou-se da árdua tarefa de formatação e diagramação dos originais, Roberta Elena foi responsável pela parte artística de criação da capa, enquanto Paulo Lindemberg facilitou-me o acesso às ferramentas dos programas de informática, com seu suporte técnico e sua paciência. Os três são meus filhos, razão pela qual meu agradecimento e meu afeto brotam do fundo do coração.

O apoio parcial da Capes e o incentivo do Instituto de Letras da UnB, somados à generosidade da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC), que não poupou esforços para garantir o sucesso do VI ENIL, representaram o baluarte seguro para as apresentações dos trabalhos de pesquisa, aqui representados nos quinze artigos selecionados.

Entre as pessoas que direta ou indiretamente não mediram esforços para enviar-me apoio incondicional a todo momento, mesmo que de lugares distantes, registro dois nomes: Marcuschi e Benedito. O primeiro, além de colaborador e amigo, é o grande incentivador na escalada dos estudos do discurso. Na sua trilha, segue Benedito Gomes Bezerra,

Agradecimentos

doutorando do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFPE, o responsável pela tradução do artigo de Jacob Mey. Aos dois, que me sensibilizaram pelos gestos de solidariedade, um agradecimento especial.

Agradeço ainda a todos os colegas e alunos do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília que auxiliaram na realização do VI ENIL, de modo especial à Maria Christina Diniz Leal, cuja atuação no trabalho da comissão científica foi de um valor inestimável. Meus agradecimentos também à Lúcia Maria Pinheiro Lobato, pois, mais que significar uma presença marcante no evento, contribuiu efetivamente por meio de ações e de palavras de incentivo. Ambas, que nos privilegiam com lições de vida todos os dias, constituem exemplo de compromisso profissional, dedicação, seriedade e elegância na vida acadêmica.

Por fim, o agradecimento a meu esposo e companheiro pelo altruísmo e pela compreensão diante de determinados momentos da minha vida acadêmico-profissional.

Denize Elena Garcia da Silva

**PARTE V – DISCURSO ACADÊMICO, INTERAÇÃO
E COMPORTAMENTO NÃO-VERBAL**

SUJEITO-PROFESSOR: MULTIPLICIDADE DE POSIÇÕES

Eline Alcântara dos Santos

Introdução

Inicialmente é necessária uma visão geral, ainda que sucinta, das variadas noções de sujeito que se apresentam nos estudos sobre o tema. Antes de examinarmos as concepções do sujeito pós-moderno, vale lembrar duas concepções de identidade do sujeito que balizaram os estudos do tema no passado: o sujeito do Iluminismo e o sujeito sociológico. O sujeito do Iluminismo era concebido como totalmente unificado e centrado em si mesmo. Esse "centro" essencial do eu, formado por um núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia – ainda que permanecendo basicamente o mesmo – era a identidade (fixa e estável) do indivíduo. Já o sujeito sociológico apresenta-se diferente dessa concepção "individualista" do sujeito do Iluminismo.

A noção que veio a se tornar a concepção sociológica clássica levantava a idéia de que a identidade era formada na interação entre o "eu" e a sociedade. A percepção interativa da identidade e do "eu" refletia a evolução do mundo moderno e a consciência de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo nem auto-suficiente, antes era

formado na relação com o "outro", que mediava para o sujeito os valores, os sentidos, os símbolos e a cultura do mundo que ele/ela habitava. Mesmo se tratando de uma visão menos egocêntrica do sujeito, a concepção sociológica ainda o divisava como um ser unificado e previsível, uma vez que o posicionava em lugares objetivos a serem preenchidos no mundo cultural e social. Assim sendo, a identidade prendia o sujeito à estrutura, estabilizando-o, e aos mundos culturais por ele habitado. Esse mundo sociológico interativo, que possuía simpatizantes tais como Goffman e Parsons, foi produto da primeira metade do século XX, quando as ciências sociais assumiram sua forma disciplinar atual.

Segundo Possenti (1992), durante algum tempo, depois de sua descoberta, o sujeito não foi ameaçado, embora não tenha ficado totalmente a salvo. Logo depois, podem ser citadas duas ameaças a sua sobrevivência: primeira, o sujeito é ameaçado pelo materialismo histórico, que descobre ser a consciência um efeito decorrente das relações que os indivíduos vivem, da forma como podem ser "livremente" aquilo que desejam ser, na posição social que ocupam. A segunda ameaça ao sujeito veio de Freud, ele descobre que o sujeito é "fendido", ou seja, que a consciência é apenas um dos seus elementos constitutivos. E afirma que grande parte das ações dos indivíduos é promovida por injunções do desejo, obediente ao inconsciente, apesar dos controles sociais e do eventual discernimento do ego. Portanto, não é somente a razão que constitui o sujeito, são também as leis repressoras e os desejos "animais".

No que diz respeito à concepção de sujeito da linguagem, observa-se que ele vai se modificando a partir da concepção de língua que se adote. Desta forma, à concepção de língua como representação do pensamento corresponde a de um sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações. Trata-se de um sujeito visto como um ego que constrói uma representação mental e espera que esta seja "captada" pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada. Entretanto este ego não se acha isolado em seu próprio mundo, trata-se de um sujeito essencialmente histórico e social uma vez que se constrói em sociedade e com isto adquire a habilidade de interagir. É daí que decorre a noção de sujeito social, interativo, mas que detém o domínio de suas ações.

Já à concepção de língua como estrutura corresponde a de sujeito assujeitado pelo sistema, caracterizado por uma espécie de "não consciência". O princípio explicativo de todo e qualquer fenômeno e de todo e qualquer comportamento individual repousa sobre a consideração do sistema, quer lingüística, quer social. São três, em princípio, as posições clássicas com relação ao sujeito, segundo Koch (2002):

- 1 O predomínio, e talvez a exclusividade, da consciência individual no uso da linguagem — o sujeito de enunciação é responsável pelo sentido. A língua é um instrumento que se acha ao dispor dos indivíduos, que a usam como se ela não possuísse história. Um fato importante desta concepção é que aumenta o predomínio da consciência individual no uso da linguagem.
- 2 O “assujeitamento” — de acordo com essa concepção o indivíduo não é dono do seu discurso e de sua vontade: sua consciência, quando existe, é produzida de fora. Quem fala, na verdade, é um sujeito anônimo, social, em relação ao qual o indivíduo que, em dado momento, ocupa o papel de locutor é dependente, repetidor. Ele tem apenas a ilusão de ser a origem de seu enunciado, ilusão necessária, de que a ideologia lança mão de fazê-lo pensar que é livre para fazer e dizer o que deseja.
- 3 Por fim, à concepção de língua como lugar de interação corresponde a noção de sujeito como entidade psicossocial, destacando o caráter ativo dos sujeitos na produção do social e da interação e defendendo a posição de que os sujeitos (re)produzem o social quando participam ativamente da definição da situação da qual participam e que são atores na atualização de imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir.

O sujeito da modernidade

No texto, o sujeito divide seu espaço com o outro porque nenhum discurso provém de um sujeito único que, num primeiro gesto, emerge a cada vez que fala/escreve como fonte única principal do seu dizer. A partir dessa perspectiva, o conceito de subjetividade se dirige para um sujeito que se une como partícula de um corpo histórico-social no qual interage com outros discursos, de que se apossa ou diante dos quais se posiciona ou é posicionado para construir sua fala. O sujeito-professor, como não podia deixar de ser, vem se modificando com o passar do tempo, até mesmo por imposição das mudanças sociais e culturais da pós-modernidade, para adaptar-se à nova ordem sociocultural.

Nos tempos atuais, o fenômeno da globalização contribuiu para uma descentralização do indivíduo, que já não pode mais ser visto como um sujeito unificado, estável e previsível. O homem da modernidade,

segundo Hall (1999), passa por uma "crise de identidade", pois um tipo diferente de mudança estrutural vem fragmentando paisagens (de gênero, sexualidade, raça, etnia, nacionalidade) que, no passado, nos serviam como pontos de referência como indivíduos sociais. Tais mudanças não ocorrem somente na esfera social, mas também na esfera pessoal, abalando a idéia que temos de nós mesmos como sujeitos. Para o autor citado, o sujeito pós-moderno apresenta uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis.

Outra característica da sociedade pós-moderna traduz-se no complexo processo de mudança que vem deslocando de forma inevitável as chamadas identidades culturais nacionais, e que é chamado de "globalização", termo que pode ser aplicado aos mais diversos domínios de atividades, tais como: financeiro, social, institucional, cultural, entre outros. O principal impacto da globalização sobre as identidades nacionais é a compreensão espaço-tempo, que, ao tornar as pessoas mais interconectadas, dá-lhes a impressão de viverem em um mundo de distâncias mais curtas. Hall (*op.cit.*) cita avanços tecnológicos – o avião a jato, o fax, o satélite – aos quais podemos acrescentar a *internet*, que sem dúvida alguma contribuíram para transformar o mundo no que hoje chamamos de "aldeia global" (*global village*), metáfora criada pelo filósofo canadense Marshall McLuhan, nos anos sessenta (*apud* Gómez, 1999).

Por meio das construções e relações discursivas pode-se definir e reconhecer, então, as diversas posições e os variados papéis assumidos pelo sujeito. Pelas relações dialógicas pode-se identificá-lo, bem como captar as diferentes formas de assujeitamento (as ideologias que sustentam tais posições e papéis no discurso). Conforme esclarece Orlandi (1999), a ideologia está presente na constituição do sujeito bem como na compreensão dos sentidos. Ela dissimula sua existência no interior do funcionamento do discurso produzindo uma série de "evidências subjetivas". O sujeito é interpelado pela ideologia na construção do seu próprio sistema de significação do mundo, ou seja, na constituição da subjetividade.

Análise Crítica de Discurso: o sujeito multidimensional

Na Análise de Discurso Crítica apresentada por Fairclough (2001), a definição de sujeito ressalta as diversas posições assumidas, de forma dinâmica, por um sujeito plural. O sujeito do discurso é multidimensional, ocupa os variados papéis impostos pelas diferentes atividades sociais específicas a cada ordem de discurso, de forma a respeitar os limites de cada prática ou de forma a questionar a naturalização dessas posições. Foucault se refere a uma "dispersão do sujeito na formação de modalidades enunciativas" (*apud* Fairclough, 2001).

As circunstâncias sociais possuem determinadas agendas que podem ser seguidas por todos os participantes de maneira passiva como sujeitos que aceitam as naturalizações e vivem as práticas respeitando os limites de suas convenções. Entretanto, em outras ocasiões e motivado pela natureza da situação social, o sujeito pode romper os limites e construir uma rearticulação das ordens discursivas. Fairclough (1989) aborda essa questão ao ressaltar que os momentos de crise são focos de mudança, são propulsores para uma ação criativa do sujeito que toma consciência das naturalizações e as questiona buscando mudança nas práticas convencionais. A escola, por exemplo, possui uma série de práticas normativas que são discursivas e não discursivas. A mudança dessas práticas está associada à ação do sujeito, no caso, o aluno, que indaga os limites impostos e discute acerca de novas configurações, o que é geralmente marcado por momentos de conflito e de contradições complexas, principalmente devido ao caráter assimétrico da relação professor/aluno. São essas contradições que podem tornar-se "plataforma de lutas para redefinir limites e relações" (Fairclough, 2001). Enfim, eis que as ordens de discurso surgem potencialmente estruturadas de forma contraditória e estando abertas a investimentos ideológicos que desencadeiam lutas para serem "desinvestidas e reinvestidas".

Por meio das construções e relações discursivas, pode-se definir e reconhecer, então, as diversas posições e os variados papéis assumidos pelo sujeito. Pelas relações dialógicas pode-se identificá-lo, bem como captar as diferentes formas de assujeitamento (as ideologias que sustentam tais posições e papéis no discurso). Conforme esclarece Orlandi (1999), a ideologia está presente na constituição do sujeito bem como na compreensão dos sentidos. Ela dissimula sua existência no interior do funcionamento do discurso produzindo uma série de "evidências subjetivas". O sujeito é interpelado pela ideologia na construção do seu próprio sistema de significação do mundo, ou seja, na constituição da subjetividade.

Essa visão de sujeito poderia parecer submissa e passiva porque o sujeito é apresentado como determinado pela exterioridade, o que constitui uma inverdade. É de fundamental importância considerar o sujeito em sua ambigüidade, aquele que pode ser assujeitado, mas que também é livre e responsável pelas posições assumidas. O foco de Fairclough (*op.cit.*) incide sobre este último aspecto ressaltando-o, tendo em vista que sua preocupação está relacionada à mudança social.

Outro aspecto abordado por esse autor diz respeito à coerência, não como uma propriedade lógica e única, mas como uma propriedade definida pelos intérpretes do texto, o que pressupõe ambivalências. Os produtores dos textos interpelam os sujeitos quando estes são 'capazes' de realizar suposições e conexões como intérpretes por meio dos

elementos intertextuais de forma coerente. Todavia, isso não invalida a possibilidade de interpretações resistentes, pois além de serem sujeitos do discurso, os intérpretes são sujeitos sociais que possuem suas próprias experiências, afetando profundamente os diferentes modos de interpelação. A interpretação coerente é fruto da simultaneidade de muitas dimensões de sentido ideacional e interpessoal. A união de tais sentidos relacionais configura uma compatibilidade entre o produtor e o receptor passivo, entretanto, não se deve esquecer que a resistência pode gerar a desarticulação intertextual de um texto num processo em que o intérprete acrescenta uma nova dimensão de intertextualidade ao texto, trazendo outros textos de base.

Para Fairclough (2001), não há discurso possível sem sujeito bem como não há sujeito sem investimentos ideológicos – um sujeito ambíguo que determina e é determinado – ativo e passivo, enfim, assujeitado e, ao mesmo tempo, criativo.

O sujeito-professor

Pode-se afirmar que o discurso contribui para a constituição das convenções que o restringem, sendo socialmente constitutivo em três aspectos fundamentais: primeiro, o discurso constrói as diversas posições de sujeito; em segundo lugar o discurso constitui as diferentes relações sociais podendo mesmo modificar as existentes por meio de novas formas de interação; e, por fim, o discurso colabora para a construção dos sistemas de conhecimentos e crenças do mundo. Um bom exemplo do segundo aspecto relaciona-se ao discurso da educação, que está cada vez mais colaborando para uma relação de *marketing* em que o ensino é tratado como um produto a ser adquirido e o receptor, por sua vez, assume o papel de cliente, enquanto o emissor, o papel de vendedor. É uma nova relação social num domínio particular que está sendo modificada por meio do discurso.

Em se tratando do contexto da sala de aula, no momento em que o professor assume a função de locutor, ele é o proprietário, o dono da palavra. Ao se apossar da palavra, ele é o sujeito do discurso. Análises do referido contexto revelam que o professor constitui-se sujeito por mais tempo na sala de aula, ao assumir-se como enunciador/locutor, pois compete a ele ordenar e distribuir os elementos linguísticos dessa ou daquela maneira, durante a sua enunciação. O professor é a autoridade institucionalmente formalizada, sendo, por isso, o detentor da voz autorizada no espaço da sala de aula. É ele quem ordena, questiona, controla os turnos de fala no processo de interação verbal e até mesmo não-verbal. Além de deter o saber, por ser especialista em uma determinada área, e de

conhecer uma determinada disciplina, ele está autorizado a reprovar o aluno tanto por falta quanto por nota.

Na relação professor/aluno, mediada pelo discurso, nota-se que o professor leva vantagem na argumentação com o aluno, uma vez que seus enunciados trazem marcas da utilização, em maior quantidade e maior variedade, dos operadores argumentativos. Subentende-se que o professor, pelo fato de deter mais capital cultural, tem mais conhecimentos lingüísticos. Com isso, constata-se que quanto mais conhecimento o indivíduo tiver, mais capital de autoridade terá, ao mesmo tempo alcançará um maior grau de consciência e deterá maiores condições de realizar a interação social e lingüística. Infere-se, ainda, que quanto mais socialmente orientado for o sujeito, maior será a sua bagagem cultural.

O sujeito-professor, mais do que ninguém, apresenta-se como um sujeito múltiplo, plural, principalmente devido aos diferentes papéis que precisa desempenhar na sala de aula. Trata-se do típico procedimento ritualizado, em que o professor se constitui como o ordenador da polifonia, seja distribuindo vozes, ou controlando e privilegiando determinadas colocações em detrimento de outras possíveis, seja "negociando" com o aluno, também este sujeito em situações específicas.

As condições anteriores se justificam plenamente, pois é o professor que detém o poder por meio do discurso. O conhecimento da disciplina, aliado ao conhecimento lingüístico, amplia esse poder que lhe é institucionalmente assegurado. Vale destacar que a relação professor/aluno, marcada pela hierarquia e pela assimetria, resulta da imagem que foi socialmente estabelecida para esses papéis sociais. Segundo o pensamento de Fairclough (1996), é o todo do discurso que vai delinear a prática social da qual o discurso faz parte e quais os efeitos que a prática discursiva tem sobre o social. Portanto, esse imaginário social que estabelece comportamentos a serem seguidos pelos sujeitos da interação, de acordo com o meio social no qual estão inseridos, não é uma decisão do sujeito tomada individualmente, constitui resultados reproduzidos socialmente.

Na visão de Althusser (1989), trata-se da interpelação do sujeito pela ideologia. De acordo com o referido autor, é por meio da ideologia que os sujeitos assumem para si idéias e atitudes que não são suas, mas que lhes foram sutilmente impostas. Apesar disso, é possível ver, a partir de Fairclough (1996), o sujeito social como instrumento de transformação das relações de poder. A relação sujeito/sociedade é dialética, uma vez que existe influência mútua e constante de um sobre o outro. Não obstante, acredita-se em um sujeito capaz de promover mudanças, e não em um sujeito social totalmente "assujeitado", como sugere Althusser (1989).

Na relação assimétrica entre os sujeitos da interação na sala de aula, a predominância do turno encontra-se, geralmente, em poder do professor. É ele quem direciona o tema, dá a palavra final e mantém, quase todo o tempo, o controle do tópico (Fairclough, 1989). Deduz-se que o docente pode permanecer mais tempo no turno porque, no seu entender, o tópico discursivo não pertence ao conhecimento de mundo do aluno, ou porque essa é a prática pedagógica que utiliza para manter-se como sujeito-autoridade.

As diversas manifestações de autoridade presentes no cotidiano do sujeito-professor apontam para um domínio crescente do poder exercido por ele em sala de aula. Percebe-se também que, por traz desse domínio, encontra-se a imagem de um sujeito social que, consciente do seu capital de autoridade e de saber, acredita-se na obrigação de passar uma parte de conhecimento para aqueles que, de certa maneira, ainda não o detêm. Parece evidente, portanto, que esse é um sistema de dominação que procura se esconder atrás de sentimentos altruístas como: dever, amor, solidariedade e proteção, entre outros. O professor utiliza-se, ainda, da sua condição "superior" em relação aos alunos, para explicar todos os passos que eles devem seguir na realização de determinadas tarefas, nos moldes que deseja ou espera, sem justificar, no entanto, a sua escolha, fato que evidencia, mais uma vez, a sua posição como sujeito-autoridade.

Muitas vezes, o docente assume o papel institucionalizado de sujeito-professor. Para tanto, ele apresenta o assunto de uma maneira mais formal, didática. Seleciona as palavras, fala de forma vagarosa e se utiliza de um léxico que, aparentemente, não é utilizado em outras situações discursivas. Em outras situações, esse sujeito modifica-se uma vez mais e sempre que necessário para manter o seu capital de autoridade, bem como para angariar a simpatia do aluno, e ameniza o ato comunicativo ao justificar sua atitude. Nessa justificativa geralmente emprega um tom descendente, fala de maneira pausada, ameniza a expressão facial e, muitas vezes, esboça um sorriso conciliador facilmente observável.

O processo de conscientização da linguagem deveria começar cedo, nas práticas educacionais, as quais, por sua vez, carecem desenvolver, todavia, uma visão crítica do mundo. É de suma importância que sejam trabalhadas nas escolas capacidades discursivas conjugadas à conscientização crítica. É também indispensável que desde cedo os sujeitos compreendam que as concepções universalmente aceitas são fruto de um dado momento histórico em um determinado contexto socioeconômico e cultural, não sendo, portanto, configurações eternas nem naturais, mas naturalizadas por diferentes estratégias ideológicas de poder.

Assim sendo, o sujeito-professor é múltiplo e plural, além de possuir uma outra capacidade muito especial, a de mudar-se de determinado "sujeito" para outro em um curto espaço de tempo e sempre que deseja ou que se faz necessário.

Considerações finais

De acordo com Fairclough (1996), os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou constituem-nas. Nessa perspectiva, os discursos não são considerados de modo estanques como meras representações sociais, uma vez que sua realidade está na própria ação. Os discursos representam a realidade, mas não são a ela submissos e passivos, sendo, ao contrário, capazes de construir diferentes realidades, diferentes relações sociais e diferentes sujeitos sociais. É por meio dessa perspectiva dialética de discurso que se fundamenta a subjetividade multifuncional em que o 'eu' assume variadas posições e se desdobra em diversos papéis sociais. Assim, não apenas as identidades sociais como também as relações interpessoais são modificadas e inovadas. A criatividade dos sentidos experienciais é influenciada por esta visão plural de discurso, ou "visão constitutiva".

Por tudo que foi dito, pode-se concluir que o conceito de sujeito do discurso é algo fluido, que se constrói a partir de situações determinadas e que não existe *a priori* na língua. Alguns lingüistas apresentaram suas concepções de sujeito a partir de teorias específicas: Possenti afirma que se acha o "eu" no discurso do "outro." Para Althusser o sujeito não existe, é totalmente assujeitado, uma vez que é interpelado pela ideologia. Segundo Bakhtin, o sujeito é construído socialmente, sendo que seu propósito parece ser o de quem procura resgatar o sujeito/sujeito, trazendo-o de volta à sociedade.

À maneira de conclusão, pode-se afirmar que, a partir de reflexões e debates sobre o tema, percebemos que nos constituímos, ao mesmo tempo, em sujeito e assujeitado, a depender da situação, dos interlocutores e do contexto interacional.

Referências bibliográficas

- AUSTIN, J. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRANDÃO, H.N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1996.

BRZEZINSKI, I. (Org.). *Profissão professor: identidade e profissionalização docente*. Brasília: Plano, 2002.

CORACINI, M.J. & PEREIRA, A.E. (Org.). *Discurso e sociedade: investigações em lingüística aplicada*. Pelotas: EDUCAT, 2001. v. III.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. coord. trad. Maria Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. *Critical language awareness*. London and New York: Longman, 1992.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2002.

FREITAS, A.F. *O diálogo em sala de aula: análise do discurso*. Curitiba: HD, 1999.

GIDDENS, A. *modernidade e identidade pessoal*. Celta: Oieras, 1997.

_____. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

INDURSKY, E. & FERREIRA, M.C. (Orgs.). *Ensaio: os múltiplos territórios da análise do discurso*. [s.l.]: Sagra Luzzatto, 1998.

KOCH, I. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

MAGALHÃES, M.I. (Org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: Thesaurus, 1996.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

POSSENTI, S. *Concepções de sujeito na linguagem*. Associação Brasileira de Lingüística, ABRALIN, São Paulo, 1992. Conferência.

SILVA, D.E.G. & VIEIRA, J.A. (Org.). *Análise do discurso: perspectivas teóricas e metodológicas*. Brasília: Oficina Editorial/Instituto de Letras-UnB/Plano, 2002.

SILVA, T. T. (Org.). *O sujeito da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COLABORADORES

Carmem Cecília Camatari Galvão
Professora da Faculdade Jesus, Maria e José – Taguatinga (DF)
Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Cibele Brandão
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula
da Universidade de Brasília – UnB
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB

Denize Elena Garcia da Silva
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula
da Universidade de Brasília – UnB
Doutorado em Lingüística Hispânica pela Universidad Nacional Autónoma
de México – UNAM

Dina Maria Martins Ferreira
Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade
Presbiteriana Mackenzie (SP)
Doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Colaboradores

Eline Alcântara dos Santos

Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Gláucia Muniz Proença Lara

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral pela Universidade de São Paulo – USP

Heloisa Marques Miguel

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiânia – UFG

Ivone Tavares de Lucena

Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa

Izabella dos Santos Martins Mendes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Jacob L. Mey

Professor Emérito da Universidade do Sul da Dinamarca, Odense

Doutorado em Filosofia pela Universidade de Zaragoza, Espanha

Janaína Minelli de Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Lilian Márcia Simões Zamboni

Consultora Legislativa do Senado Federal – Brasília (DF)

Doutorado em Lingüística pela UNICAMP

Luiz Antônio Marcuschi

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutorado em Filosofia da Linguagem pela Universidade de Erlangen-Nürnberg, Alemanha

Maria Carmen Aires Gomes

Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa – UFV

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Maria Francisca de Oliveira Santos

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE



Dupligráfica Editora
SIG/Sul Qd. 08 n° 2396 - Brasília/DF
Fone: (61) 3344-1918 - Fax: (61) 3344-1924
e-mail: dupligráfica@terra.com.br

**OUTROS LANÇAMENTOS DA
EDITORA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Minhas cartas e as dos outros

(volumes 1 e 2)

Carlos Lacerda

A crise do modelo francês

Denis Rolland

**Agrotóxicos: mutações, câncer &
reprodução**

Cesar Koppe Grisolia

Introdução à cinemática relativística

José de Lima Acioli

Novos estudos sobre línguas indígenas

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Simmel e a modernidade

(2.^a edição)

Jessé Souza e Berthold Öelze

(Organizadores)

**A pós-graduação no Brasil: formação
e trabalho de**

mestres e doutores no país

(volume 1 - 2.^a edição)

Jacques Velloso (Organizador)

**Psicologia e conhecimento: subsídios
da psicologia do desenvolvimento
para a análise de ensinar e aprender**

Maria Helena Fávero

Itinerários de Barbara Freitag

Sergio Paulo Rouanet, Nair Heloisa

Bicalho de Sousa e Maria Francisca

Pinheiro Coelho (Organizadores)

Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras compreende cinco partes. A necessidade de uma mudança de perspectiva na relação entre discurso e gramática, acentuada pela preocupação decorrente de questões voltadas para o ensino gramatical, equivale ao fio central que enlaça três artigos reunidos na primeira parte. As reflexões que tomam como objeto de análise textos veiculados na mídia marcam a segunda parte do livro, composta por três estudos, cujos autores dialogam com teorias críticas que enfocam o discurso como prática social. Ao mostrar que a língua é atividade estruturante e constitutiva, três artigos configuram a terceira parte, que envolve questões de natureza semântica e de cunho ideológico plasmadas no discurso literário. Seus autores, além de mostrarem que lingüística e literatura não se excluem, colocam em evidência não só valores políticos, inseridos em contextos sócio-históricos, mas também questões que envolvem gênero social e identidade. Em favor de uma política de representação, diferentes discussões sobre gênero discursivo, fortalecidas pela busca de articulação de diferenças epistemo-lógicas, perpassam os artigos da penúltima parte. Ilustrando ainda a permeabilidade de fronteiras que delimitam as instâncias do discurso, três artigos conformam a parte final. São reflexões de pesquisas que se estendem desde a multiplicidade de posições do sujeito-professor até as facetas que envolvem o comportamento verbal e não-verbal, presentes na dinâmica de interação em contextos acadêmicos.

CÓD. EDU 387495

ISBN 85-230-0836-5



9 798523 008368